



Redes sociais, blogs e *podcasts* na prática do ensino de Jornalismo: relatos e reflexões a partir de experiências pedagógicas ¹

Alfredo José Lopes COSTA ²

Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia, Barra do Garças (MT)

Rodrigo Vieira RIBEIRO ³

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro (RJ)

RESUMO

Este artigo busca compreender alterações e rupturas propiciadas pelas transformações culturais que emergem dos atuais comportamentos mutantes decorrentes das interações sociais mediadas pela Internet, que envolvem efeitos diretos sobre aspectos técnicos e metodológicos do ensino de Ciberjornalismo nos cursos de Comunicação. Com esse objetivo, analisa o uso sistemático de ferramentas como redes sociais, blogs e *podcasts* na inserção de estudantes de jornalismo no novo contexto de produção jornalística, dentro da abordagem sócio-interacionista.

PALAVRAS-CHAVE: Blogosfera, Ciberjornalismo; Comunicação multimídia; Ensino de jornalismo; Redes sociais.

Introdução

Entre os desafios do ensino do Ciberjornalismo ⁴, está o atraso da revolução digital no ensino universitário. O professor deixou de ser o único canal entre o aluno e o conhecimento e já não consegue mais acompanhar a atualização de todos os *softwares* usados no Ciberjornalismo e que muitas vezes são do domínio dos jovens alunos. A todo momento estão surgindo novas ferramentas ao mesmo tempo em que as já existentes são atualizadas, também no mesmo ritmo. Por isso, pode acontecer de o aluno já estar usando uma versão mais atual ou um programa mais recente do que a do professor ou dos colegas. Daí a importância de se compartilhar a informação com todos os participantes do curso. A capacitação dos alunos, portanto, deve ocorrer em ambiente de discussão e compartilhamento, em que os jovens possam se sentir à vontade e perceber que podem aprender junto com o professor.

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Multimídia do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

² Jornalista, Mestre em Administração, professor assistente do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso – Campus Universitário do Araguaia (UFMT-CUA), membro do Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo da UFMS (Ciberjor/UFMS), email: alfredo.costa@gmail.com.

³ Designer, Mestre em Educação na linha de pesquisa Tecnologias de Informação e Comunicação nos Processos Educacionais (UNESA-RJ), email: rodrigoead@gmail.com.

⁴ Ciberjornalismo é nome recente, pode ser confundido com jornalismo online, jornalismo digital e webjornalismo. Adotamos aqui o termo ciberjornalismo de acordo com recomendação do Professor Dr. Gerson Luioz Martins, para quem o termo “é o que melhor compreende e abrange a produção, o consumo, a pesquisa e os estudos sobre jornalismo na e para a internet”. Fonte: Ciberjornalismo na pauta do noticiário, disponível em <<http://www.gersonmartins.jor.br/index.php?pg=16&it=689>>, acessado em 04.05.2011.



Tal situação remete ao conceito de sócio-interacionismo, cujo teórico precursor, Vygotsky (1991), defende que o ser humano é o resultado da interação com o meio em que vive. E para potencializar o desenvolvimento de um aprendiz, é preciso que ele se relacione com outros indivíduos mais experientes. As interações sociais, que permitem as significações, vão sendo construídas num contexto cultural, historicamente constituído. Contribui para as reflexões o conceito de zona de desenvolvimento proximal e zona de desenvolvimento real, sendo isso a distância entre aquilo que um indivíduo já sabe fazer sozinho e o que é capaz de realizar com a ajuda do outro.

Nesse contexto, o artigo busca compreender as alterações e rupturas propiciadas pelas transformações culturais que emergem dos atuais comportamentos mutantes decorrentes das interações sociais mediadas pela Internet, que envolvem efeitos diretos sobre aspectos técnicos e metodológicos do ensino de Ciberjornalismo nos cursos de Comunicação. Com esse objetivo, o estudo tenta levantar algumas indagações sobre o tema que levem a obter panorama descritivo de como as escolas que ensinam o ofício vêm lidando com essas transformações e analisar o uso sistemático de ferramentas como redes sociais, blogs e *podcasts* na inserção de estudantes de Jornalismo no novo contexto de produção jornalística, dentro de uma visão sócio-interacionista. Para tanto, foi realizada pesquisa não sistematizada a partir de alguns conceitos daquela abordagem, articulados com textos acadêmicos e jornalísticos sobre a temática da prática e de ensino do Ciberjornalismo.

Mudanças na profissão: a nova mídia

Os blogs têm sido objeto de várias teses e dissertações na área de Comunicação e Jornalismo. Mais que um espaço democrático de comunicação, por meio da dinâmica dos comentários, Ribas & Palácios (2007) apontam os blogs como poderosa fonte de informações, que podem pautar uma investigação jornalística mais profunda. No entendimento daqueles autores, os blogs constituem também instrumento pedagógico de grande valia para formulação de propostas de ensino voltadas para as especificidades do meio digital. A utilização dos blogs insere-se no contexto de novos processos sociais, novas formas de representações discursivas, novas interações, novos desafios e perspectivas para a vida social, profissional e afetiva.

Por se tratar de fenômeno recente e em constante mutação, escrever sobre blogs envolve o risco de que, durante a análise, surjam novidades revolucionárias em termos de formas e conteúdos. Como aconteceu, por exemplo, com o microblog Twitter, que ganhou novo



uso e cresceu 1.200% no ano de 2008 e duplicou quantidade de membros no primeiro trimestre de 2009, atingindo 14 milhões em março daquele ano, de acordo com Instituto Compete ⁵. Para a jornalista e professora da Escola de Comunicação da Universidade Católica de Pelotas Raquel Recuero ⁶, o Twitter foi apropriado por grupo de usuários de Internet que ela chama de *heavy users*, pessoas envolvidas com mídia digital, pessoas que valorizam essas conexões e suas trocas e, finalmente, pessoas que possuem outras ferramentas (como blogs, *fotologs*, entre outras) que auxiliam a amplificar o poder de difusão de informações. Não se pode falar sobre blogs hoje sem comentar as ferramentas do Twitter, que era praticamente desconhecido há uns três anos, mas já deixou marcas na disseminação de informações de diversos fatos de impacto internacional: a internet e as redes sociais tiveram papel fundamental na mobilização da classe média jovem do Egito nos protestos antigoverno no início deste ano ⁷ e, mais recentemente, deram mais uma demonstração do poder com a notícia da morte de Osama bin Laden, divulgada primeiramente no Twitter ⁸.

Para Schittine (2004), a internet abriu o mercado editorial a muitos. Em compensação, tornou-se difícil conseguir destacar-se dentro de um grupo tão vasto. Daí o surgimento das pequenas comunidades nessa “província virtual”, uma de olho na outra. Para ela, a maioria dos blogueiros

manifesta o desejo de escrever um texto jornalístico. Mas, por mais que o blogueiro deseje ter as características daqueles que escrevem nos outros gêneros – a isenção de um jornalista, a discricção de um diarista, a notoriedade de um colunista e o olhar deferenciado de um cronista -, não consegue alcançá-los. Porque tem um estilo muito particular de escrita (...).

Enquanto os blogueiros manifestam um desejo de escrever como jornalistas, estes buscam uma escrita mais leve, menos informativa e mais ficcional do que aquela que realizam no seu dia-a-dia. Embora os dois grupos acreditem estar fazendo o que se propõem, a verdade é que os blogs acabam sendo um meio caminho entre a ficção e a informação, entre o jornalismo e o escrito íntimo, isso quando não misturam bastante uma coisa com a outra (SCHITTINE, 2004, p. 156).

Schettine (2004) aponta características que oscilam entre o simples registro dos fatos e o envolvimento com eles: O segredo (o contar ou não a intimidade a um desconhecido), a tensão entre o espaço público e o privado (que vai aumentar com a passagem para a internet) e a relação com o romance (ficção) e com o Jornalismo (observação dos fatos). Um Blog é um registro cronológico e frequentemente atualizado de opiniões, emoções,

⁵ <<http://siteanalytics.compete.com/Twitter.com/?metric=uv>>, acessado em 10.1.2011).

⁶ <http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/twitter_muito_barulho_por_nada.html>, acessado em 8.4.2009.

⁷ Jovens usam novas mídias nos protestos contra o governo.

<<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=626MON011>>, acessado em 29.1.2011.

⁸ “Twitter dá ‘furo’ da morte de Osama bin Laden”, disponível em <<http://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/twitter-da-furo-da-morte-de-osama-bin-laden>>, acessado em 04.05.2011.



fatos, imagens ou qualquer outro tipo de conteúdo que o autor ou autores queiram disponibilizar. O perfil do blog de jornalistas, por exemplo, em geral apresenta preocupação em expor assuntos de interesse público - algo que, de uma forma ou de outra venha gerar comentários, participações, empatias. Isso não significa necessariamente que o jornalista não é um blogueiro, mas, significa que o jornalista faz seus blogs diferenciados dos demais, com visão crítica, mas de forma diferente da que faz na grande mídia. Nos blogs pessoais, jornalistas expõem até mesmo a própria vida íntima ⁹. Para evitar constrangimentos e demissões, alguns veículos já criaram regras para o uso do Twitter ¹⁰, como *Folha de S. Paulo*, *Rede Globo*, *Reuters*, *ESPN*, *Bloomberg*, *Associated Press*, *Wall Street Journal*, *The Washington Post* e *The New York Times*.

Com os blogs, “informações estão sendo criadas e obtidas de uma gama diversificada de fontes, mas são espalhadas por centenas de sites diferentes”, como descreve Steven Johnson ¹¹. A propósito do confronto Jornalismo x internet, ele prevê que:

[...] dentro de cinco ou dez anos, o setor dos jornais -e, portanto, seu produto editorial- terá aparência fundamentalmente diferente da atual. A dúvida é se vai ou não emergir um novo modelo que forneça os bens públicos antes garantidos pelos jornais por meio de seus monopólios locais que geravam alta margem de lucro (pelo menos nos EUA). Acho que existem boas razões para pensar que o sistema de notícias que está se desenvolvendo on-line será melhor que o modelo dos jornais com o qual convivemos nos últimos cem anos. Uma maneira de enxergar essa transformação é pensar na mídia como um ecossistema. Na maneira como ela circula a informação, a mídia de hoje é, de fato, muito mais próxima de um ecossistema do que era o velho modelo industrial e centralizado da mídia de massas. O novo mundo é mais diversificado e interligado. É um sistema no qual as informações fluem com mais liberdade. Essa complexidade o torna interessante, mas dificulta as previsões de como será sua aparência em cinco ou dez anos.

Num mundo de plena expansão da informação, novas ferramentas modificam o comportamento social - como acontece com a onda dos blogs -, e até grandes veículos da mídia tradicional, como por exemplo, o "Economist", que entrega os pontos e publica em editorial "O renascimento da notícia", no qual diz que "a internet está matando jornais e dando à luz um novo modelo de negócio jornalístico". Sem citar qual, só prevê que "a opinião pública ¹² será formada por milhares de vozes diferentes". De acordo com Pinho (2003), mais importante não é que o consumidor de notícias digitais pode

⁹ O Jornalista é um Bloqueiro? In: Blog da Jornalista Alvinha Melg <<http://alvinhamelgmel.blogspot.com/2009/05/o-jornalista-e-um-bloqueiro.html>>, acessado em 12.5.2009.

¹⁰ O que você diria no Twitter se não fosse jornalista? Disponível em <<http://comunique-se.com.br/conteudo/newsshow.asp?menu=JI&idnot=58154&editoria=1194>>, acessado em 02.05.2011.

¹¹ Folha On-line Ilustrada. Leia a íntegra do debate entre Steven Johnson e Paul Starr: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u551660.shtml>>, acessado em 10.5.2009.

¹² *The rebirth of news*, disponível em <http://www.economist.com/opinion/displaystory.cfm?story_id=13649304>, acessado em 11.5.2009.



acessar o Ciberjornalismo. Enquanto na TV seu único instrumento de manipulação interativa era o controle remoto para “interferir” na programação, agora o receptor da informação pode ser, ele próprio, um gerador de conteúdos.

Esse mundo de possibilidades é consequência do que Henry Jenkins (2008), professor do Programa de Mídias Comparadas do *Massachusetts Institute of Technology*, chama de “cultura da convergência” e interessa de perto a jornalistas e pesquisadores da área por se tratar de uma forma de expansão de narrativas transmidiáticas. O autor documenta as principais transformações no cenário de criação e consumo midiático, observando como, há mais de uma década, o público tem deixado uma posição passiva e acomodada para ocupar novo lugar no processo da comunicação. O usuário deseja participar mais dessa experiência, sabe compartilhar seus conhecimentos sobre aqueles temas com outros consumidores afins e chega até mesmo a criar coletivamente peças sobressalentes que podem se encaixar à estrutura de produtos disponíveis.

Na época da convergência midiática, o que Jenkins (2008) chama a atenção é que essa convergência não se restringe ao desenvolvimento de aparatos tecnológicos e nem à confluência de meios para uma única “caixa preta”. O autor enfatiza que a convergência representa uma “transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos”. Isto é, a convergência não acontece por meio dos aparelhos, mas “dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros”.

Em artigo para o Observatório da Imprensa ¹³, o jornalista Carlos Castilho diz que a mudança de paradigmas na informação provocada pela internet e pela informática derrubou o mito de que o jornalista é um personagem indispensável à democracia. Os jornalistas não são hoje nem mais e nem menos relevantes para a democracia do que os cidadãos comuns. A notícia deixou de ser monopólio dos profissionais e das empresas jornalísticas. Ela chega hoje às pessoas por circuitos que não passam pelas indústrias da comunicação. Segundo Castilho, a profissão está tendo que se adaptar ao novo contexto das ferramentas digitais na comunicação. O jornalista não é mais o certificador de credibilidades, mas o profissional que pode mostrar aos consumidores de informação como chegar a confiar em notícias.

¹³ Mudanças no jornalismo aumentam responsabilidades dos leitores.

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/blogs.asp?id_blog=2&id={002780E2-9BD3-4388-B8B7-8AFB059CA3FB}>, acessado em 29.1.2011.



Mudanças na formação: blogs e outras ferramentas digitais no ensino de Jornalismo

A Northwestern University ¹⁴, em Chicago, está anunciando bolsas de estudo para programadores. A intenção é formar novo tipo de profissional, que una conhecimento de informática e web com habilidades de um jornalista, e que assim possa estar preparado para a mídia do futuro. O curso de Jornalismo da Universidade do Missouri, nos EUA, passará a exigir ¹⁵ que alunos tenham iPhone ou iPod Touch, como "requisito mínimo", para *download* de material. Pós-graduação em Twitter já é oferecida por universidade inglesa: voltado para estudantes de Jornalismo e Relações Públicas, curso ¹⁶ de 12 meses oferecido pela Universidade de Birmingham enfoca redes sociais (Twitter, Facebook e blogs) como ferramentas de Comunicação e Marketing. Em termos futuros os desafios são ainda maiores que os atuais. O rápido desenvolvimento da Internet e o conjunto de novos meios tecnológicos podem tornar ainda mais complexas as previsões sobre a nova mídia. A quantidade e qualidade de informações disponibilizadas atualmente nos blogs evidenciam que houve progresso naquela ferramenta de comunicação e relacionamento, constituindo vasto campo na pesquisa acadêmica da área. Fenômeno recente são os blogs acadêmicos. A revista Nature ¹⁷ se rendeu ao formato blog e, em seu primeiro editorial encoraja mais pesquisadores a engajarem-se na blogosfera, incluindo autores de artigos científicos. A revista indaga se blogar é parte da ciência ou do Jornalismo, respondendo que pode ser tudo isso — uma ambiguidade que às vezes deixa nos cientistas um sentimento de incerteza quanto às regras do novo jogo —, ressaltando as vantagens do debate *on-line*.

O fenômeno já chegou ao Brasil, principalmente na área de Comunicação. Alguns blogs acadêmicos de grupos de pesquisa ou instituições de ensino superior (como o do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line da Universidade Federal da Bahia – UFBA ¹⁸, o do Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo da UFMS - Ciberjor-UFMS ¹⁹ e o da Universidade do Texas em Austin ²⁰) e de pesquisadores individuais (como os de

¹⁴ <<http://www.medill.northwestern.edu/admissions/page.aspx?id=58645>>, acessado em 13.5.2009.

¹⁵ <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,MUL1117111-6174,00-IPOD+E+IPHONE+SERAO+OBRIGATORIOS+EM+FACULDADE+DE+JORNALISMO+NOS+EUA.html>>, acessado em 11.5.2009.

¹⁶ <<http://www.clicrbs.com.br/especial/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&espid=117&action=noticias&id=2458492>>, acessado em 10.5.2009.

¹⁷ It is good to blog <<http://www.nature.com/nature/journal/v457/n7233/full/4571058a.html>>, acessado em 14.5.2009).

¹⁸ <<http://www.gjol.blogspot.com>>, acessado em 02.05.2011.

¹⁹ <<http://brciberjornalismo.wordpress.com/>>, acessado em 03.05.2011.

²⁰ <<http://knightcenter.utexas.edu/blog/?q=pt-br/blog>>, acessado em 03.05.2011.



Fernando Firmino da Silva ²¹ e de Luciana Moherdaui ²²) passaram a constituir espaço para trocar idéias e fornecer informações sobre pesquisas em andamento, catálogo de projetos e referências. Por meio desses blogs, é possível acompanhar discussões e ter acesso a textos atuais (incluindo alguns lançamentos de *e-books* ²³, que muitas vezes já antecedem a impressão de algumas obras acadêmicas). No Brasil, muitas vezes falta profundidade nas matérias, contextualização dos fatos e cuidado na apuração, deficiências graves na boa prática do Jornalismo. Em razão desse quadro, o Ministério da Educação instituiu, em fevereiro de 2009, Comissão de Especialistas para rever as diretrizes curriculares do curso de Jornalismo. Essa reforma pode ser o início da mudança no perfil dos jornalistas. Embora a discussão tenha se concentrado na oposição entre o atual modelo de integralidade do curso de Comunicação Social e a separação das habilitações como cursos autônomos, há também vozes que clamam por formação mais adequada aos recursos técnicos recentes: “um jornalista multimídia, por exemplo, que seja capaz não só de escrever e editar textos, mas também produzir imagens e editá-las”, diz o professor da Universidade de Brasília Luiz Gonzaga Motta ²⁴.

Entre as principais ferramentas do Ciberjornalismo que podem ser utilizadas em sala-de-aula podem ser enumeradas as seguintes: produção de textos; formação de bancos de dados e de informações; organização de fontes *online* (favoritos, RSS, Google Reader); editores de áudio, fotos e vídeos; produção de *slideshows*, infográficos e *mashup*; ferramentas de redes como Twitter, YouTube, Flickr, Podcast, Dig, NewsTrust, Facebook, LinkedIn, Orkut; realidade virtual (*Second Life*) e jornalismo de imersão.

Os blogs estão cada vez mais ligados ao cotidiano de trabalho dos profissionais de Comunicação. Tal recurso surgiu como sistema para disponibilização de textos e fotos na web menos complexo e mais rápido, o que facilitou a produção de páginas, e expressão, por indivíduos com pouco conhecimento técnico. Trata-se, portanto, do primeiro passo concreto para integrar teoria e prática, por não demandar grande infraestrutura em termos de equipamentos. Na Internet, munido de celular e câmera digital, o repórter pode transformar-se em unidade geradora de texto e imagem, de modo que o receptor receba não apenas o cenário dos fatos, mas o texto com dados, números,

²¹ <<http://jornalismomovel.blogspot.com/>>, acessado em 02.05.2011.

²² <<http://www.contraacliagemburra.blogspot.com/>>, acessado em 02.05.2011.

²³ “(...) livro em formato digital que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs ou até mesmo celulares que suportem esse recurso.” Fonte: Wikipédia <www.wikipedia.com>, acessado em 12.6.2009.

²⁴ Pesquisador defende curso autônomo de Jornalismo <<http://renoi.blogspot.com/2009/03/pesquisador-defende-curso-autonomo-de.html>>, acessado em 25.5.2009.



detalhes, entre outras informações, explicando o que se passa. Um exemplo desse tipo de ação proposta em sala de aula pode ser encontrada no site Ciberjornalistas ²⁵.

As novas tecnologias de informação e comunicação estão disponíveis não só para profissionais de Comunicação, mas também para a população em geral, sobretudo para os jovens, que vêm a internet como um lugar de encontrar amigos, namorar, comprar, conhecer pessoas, encontrar oportunidades de trabalho, baixar músicas e filmes, ler notícias, enviar e-mail e pesquisar para trabalhos escolares. Eles usam programas de comunicação de mensagens instantâneas como o MSN, o Instant Messenger do Yahoo e o ICQ, sites sociais como o Orkut e Facebook, e serviços de e-mails gratuitos. Acessam de casa, discado e com baixa velocidade de banda. Acessam da escola, por um tempo limitado. Acessam de *lanhouses* por períodos mais longos. A pesquisa de 2009 do Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br ²⁶ revela que a rede mundial no Brasil demonstra crescimento de uso nas classes C,D e E. Essas informações incluem as interações mediadas por computador nas experiências cotidianas descritas por Bretas (2006): a comunicação do dia-a-dia.

Em sala de aula, para esses aprendizes, pode-se demonstrar que a Internet vai além da TV quando une texto e imagem, transmissão ao vivo com reportagem impressa. Os aprendizes de jornalistas *on-line* precisam sempre pensar em elementos diferentes e em como os fatos podem ser complementados: procurar palavras para certas imagens, recursos de áudio e vídeo para frases, dados que poderão virar recursos interativos e assim por diante. É importante saber avaliar que a história pode ser multimídia. Nem todas o são, ou merecem tanto destaque. E mesmo as multimídias não precisam utilizar todos os recursos disponíveis. É preciso ter bom senso e medir bem o que poderá reter a atenção do leitor/internauta.

Entre os desafios do ensino do Ciberjornalismo, está o atraso da revolução digital no ensino universitário. Os alunos mais jovens não sabem o que é uma máquina de escrever e nem o que seja um aparelho de telex. O professor deixou de ser o único canal entre o aluno e o conhecimento e já não consegue mais acompanhar a atualização de todos os *softwares* usados no Ciberjornalismo. A capacitação dos alunos, portanto, deve ocorrer em ambiente de discussão e acolhimento. Os jovens devem se sentir à vontade e perceber que podem aprender junto com o professor e o diálogo tem papel fundamental,

²⁵ <<http://ciberjornalistas.blogspot.com/>>, acessado em 02.05.2011.

²⁶ Pesquisa TIC Edição Especial 5 anos - 2005 – 2009, disponível em <http://www.cetic.br/tic/5anos/index.htm>, acessado em 29.2.2011.



dentro dos pressupostos de Freire (2010): educador e educando são sujeitos de um processo em que crescem juntos. A relação professor-aluno é horizontal e não imposta – há diálogo, cooperação, união, organização e solução de problemas. O professor funciona como um provocador que fornece estímulos aos alunos para eles pesquisem, criem e interajam usando o computador.

O professor deixou de ser um ser superior, para ser um facilitador da aprendizagem. Ele não é mais o único canal de acesso ao conhecimento. Sua principal virtude já não está mais no seu estoque de informações, mas na capacidade de gerenciar o aprendizado dos alunos e perceber que, apesar do jornalismo *online* ter mantido os mesmos padrões de ética, objetividade e veracidade do jornalismo *offline*, ele introduziu questões novas como autoria coletiva e produção colaborativa.

O desafio do professor agora é administrar as habilidades e competências numa turma de estudantes de Ciberjornalismo e seus grandes dilemas são: a própria complexidade da nova ecologia informativa (avalancha noticiosa; redes sociais, weblogs, *podcasts*, Youtube); a lentidão acadêmica na adaptação ao novo ambiente digital no ensino do Ciberjornalismo, em função da escassez de pesquisas e dados, da dicotomia caráter centralizado, vertical e hierárquico da universidade e a nova realidade das redes virtuais marcadamente descentralizadas, horizontais e heterárquicas, além de fatores advindos da própria inércia e corporativismo do ambiente acadêmico.

Ao mesmo tempo vem ocorrendo expansão acelerada nos empregos vinculados às novas tecnologias e a consequente pressão dos alunos por computadores nas salas de aula. Alunos cobram das faculdades o uso de computadores e da internet em salas de aula. Principalmente na universidade federais, a introdução e reposição desses equipamentos é morosa e não há unanimidade sobre sua utilização: alguns professores divergem sobre o uso de computadores em sala, pois muitos os consideram fator de dispersão.

Tal cenário que se descortina na sociedade, em função das chamadas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC), nos remete à formação inicial e continuada do jornalista, dos profissionais de comunicação e dos professores da área.

Essa formação passaria pela aprendizagem da linguagem da comunicação do recurso, da aprendizagem das suas regras da arte, que possui suas características, regras de sintaxe e linguagem próprias (BELLONI, 2002). É preciso alfabetizar os estudantes e os professores em formação continuada nas novas tecnologias digitais da informação e da comunicação, para que encontrem sentido no uso destas novas mídias e possam



contextualizar seu processo de ensino/aprendizagem transformando o conhecimento em saber (CHARLOT, 2005).

Belloni (2002) reforça este caminho apresentando suas sete teses sobre “mídia-educação” para a construção de uma política de formação que abranja:

1- Uma convergência entre comunicação e educação, educando para os meios, com a possibilidade do estudante em formação se apropriar dos meios de comunicação para fazer uso deles com o domínio que tem os alfabetizados.

2- Mudar o foco da tecnologia à comunicação, transformando a tecnologia em um recurso de uso, com características de elemento social, abordando suas capacidades e potencialidades comunicacionais e pedagógicas, transformando o educador em comunicador.

3- Conceito de mídia-educação ou de educação-para-a-comunicação, compreender os meios e dominá-los favorecendo a expressão e a comunicação do estudante que se tornará capaz de “refletir, criar e se expressar em todas as linguagens e usando todos os meios técnicos disponíveis na sociedade” (BELLONI, 2002, p.36).

4- Dupla dimensão de um mesmo fenômeno, da mídia-educação e comunicação-educacional. São duas dimensões de um mesmo fenômeno, integrando os meios técnicos aos processos educacionais, pois suas diferenças estão nos objetivos e finalidades, uma vez que na Comunicação a tecnologia é absorvida como uma necessidade e na Educação ela é rejeitada. O uso da tecnologia só será amplamente realizado na educação se as “regras da arte” da mídia forem compreendidas, refletidas e contextualizadas.

5- Surgimento de novas funções do educador na comunicação com a formação de um pedagogo sintonizado com as novas linguagens existentes nas mídias, que seja capaz de se utilizar delas com facilidade e familiaridade de modo a poder criar espaços educacionais com o uso das mídias.

6- Formação de educadores capazes de se apropriar e se adaptar a novas formas de ensino/aprendizagem em equipes multidisciplinares com foco na formação do estudante autônomo e independente, integrando diversas mídias no seu processo de ensino/aprendizagem.

7- Pesquisa na área de educação-comunicação de modo a formar uma linguagem e uma prática que possa integrar os dois campos de estudo.

A interatividade entre professor e aluno demanda: uso de weblogs, twitter e chats e fóruns no ensino de Ciberjornalismo; técnicas de redação jornalística na Web; estrutura



narrativa não linear e os projetos multimídia; produção coletiva e colaborativa de conteúdos informativos; buscas na Web e reportagens com uso de bancos de dados; atividades práticas ²⁷. Pode-se inferir então que a introdução do uso de uma mídia digital, que incorpore áudio ou vídeo em programas semelhantes aos de rádio e TV, de autoria compartilhada entre alunos e professores, poderia conter uma proposta que tornaria possível o aprendizado crítico, social, coletivo, prático, conectivo e construtivo que se concebe para educação desde Dewey, Piaget, Vygotski e Papert. Programas assim atenderiam às narrativas, estimulariam as metáforas e a criatividade, permitiriam uma adaptação regional/local exclusiva, inserida no contexto sociocultural do aluno e de sua escola.

Desse modo, o próprio blog torna-se uma espécie de conversa em que as postagens não se fecham: um assunto encadeia outro e é sempre enriquecido e retocado pelos leitores. A pluralidade de conexões que unem os vértices faz com que o fluxo da informação não seja causal, “uma vez que a causalidade não acontece em uma única direção (...); a origem e a recepção são simultaneamente causa e efeito” (FRANÇA, 2002, p. 70).

Isso significa recortar situações específicas, objetos específicos, produtos, relações, para analisar a dinâmica relacional que marca os processos comunicativos na rede:

O trabalho de apreensão, de interpretação, assim, tem início com uma escolha, com o recorte de nosso objeto – para então percebê-lo não como um “em si”, mas como um elo, um nó, um vértice, atravessado por vários caminhos, na grande rede do social (FRANÇA, 2002, p. 72).

Vaz e Antunes (2006, p. 43) alertam que “se a mídia for priorizada enquanto aparato sócio-técnico (...), isso nos leva a minimizar a intervenção dos interlocutores, abandonando o processo comunicativo.” Ora, a interação com as novas plataformas digitais pela sociedade exige percepção mais abrangente do lugar de emissor e receptor. Antigamente poucos tinham acesso aos meios de comunicação. As fontes de informação, que agora incluem um público “prosumidor” ²⁸, estão na berlinda. Com isso, o grande saco que era identificado como “Imprensa” e que abrigava, na compreensão leiga, empresas, jornalistas e plataformas (o que já era confuso, mas não havia interesse em tornar claro), precisa ser classificado com mais precisão. Jornais e jornalistas, vistos como uma única espécie no campo de conhecimento da Comunicação,

²⁷ Aula do professor Carlos Castilho no Curso Jornalismo 2.0 para professores, oferecido em 2010 pelo Knight Center for Journalism in the Americas da Universidade do Texas em Austin <<http://knightcenter.utexas.edu/pt-br/course/jornalismo-20-para-professores-2a-edicao>>.

²⁸ Do inglês, *prosumer* (simultaneamente produtor e consumidor). Esta noção de marketing foi apresentada pela primeira vez por Alvin Toffler e sua esposa, Heidi Toffler, em 1980, no seu livro “A Terceira Onda”. Fonte: Wikipedia <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Prosumer>>, acessada em 02.05.2011.



estão agora numa vitrine onde as *tags* são fundamentais para o fluxo de consumo. O que antes só jornalistas profissionais, editores e *publishers* conheciam, agora está ao alcance de público muito maior. Público esse que está sendo instado a participar, sem as ferramentas referenciais de formação. Com novos *inputs* de formatação da participação do público via internet, está sendo necessária a identificação da natureza das informações e suas abordagens, dos campos de interesses, dos propósitos de cada instância midiática. A discussão sobre este momento de transmutação da comunicação, especialmente da mídia jornalística, deve ser tema em sala de aula para que a inserção de produção - nos blogs, por exemplo, caso que estamos aqui analisando - seja consequente. O que usar, como e porque, deve andar de braço dado com os velhos parâmetros orientadores do *lead*: o que, quando, onde, como e porque.

A título de exemplificação de experiência de criação do blog em sala de aula, pode-se citar o caso do blog FocAia ²⁹, que teve como objetivo de servir de canal de experimentação para atividades de iniciação a prática jornalística, no contexto da disciplina Webjornalismo no curso de Comunicação Social - habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (Campus Universitário do Araguaia). Além de abrigar produção de material textual e/ou audiovisual dos alunos, a filosofia e linha editorial do blog buscam indicar *links* e divulgar informações úteis para profissionais, professores, estudantes e pesquisadores de Jornalismo, Comunicação e áreas afins. O Curso de Jornalismo do Campus Universitário da UFMT, criado dentro do programa Reuni, iniciou atividades em março de 2009 e vem sendo ministrado no campus II, em construção em Barra do Garças, com o ônus do pioneirismo que todo curso enfrenta em seu começo, no que tange aos recursos humanos, materiais e tecnológicos. Como um simples blog exige investimentos bem menores do que, por exemplo, um estúdio de Rádio e TV, aquela ferramenta revelou-se válida, para o contexto regional e local do curso, que abrange várias cidades em franco desenvolvimento social, econômico, cultural e político, carece de profissionais que atuem na área jornalística. Pensando-se ainda, em termos regionais e de localização, a região do Araguaia, formada por municípios de Mato Grosso e Goiás, está distante das

²⁹ Endereço do blog: <www.focaiia.blogspot.com>. Experiência descrita em artigo publicado nos anais do : 2º Seminário de Ciberjornalismo de Mato Grosso do Sul, COSTA, Alfredo José Lopes . Ensino de Ciberjornalismo a experiência do blog FocAia no Campus Universitário do Araguaia da UFMT. In: 2º Seminário de Ciberjornalismo de Mato Grosso do Sul, 2010, Campo Grande (MS). 2º Seminário de Ciberjornalismo de Mato Grosso do Sul. Anais..., 2010.



capitais Cuiabá – MT (mais de 500 km) e de Goiânia (mais de 400 km), cidades que oferecem a graduação no referido curso.

O blog possibilitou efetiva integração curricular entre as disciplinas “Produção de Notícias” e “Webjornalismo” e conferiu visibilidade aos conteúdos produzidos por alunos, propiciando espaço privilegiado não apenas para a prática das diversas etapas do fazer jornalístico na era digital, mas também para o desenvolvimento de espíritos críticos. Foi selecionado como finalista para etapa final do prêmio Expocom Centro-Oeste, que integrou as atividades do Intercom – Centro-Oeste 2010. O trabalho concorreu à categoria "Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação" – modalidade blog - do prêmio Expocom 2010. Até o final de abril de 2011 tinham sido publicadas mais de 1.200 postagens, o blog contava com 106 seguidores inscritos e haviam sido feitos 22.648 acessos. A página do Twitter apresentava 1.420 postagens e 489 seguidores.

As experiências iniciais do uso de blogs em sala de aula do Professor de Cibercultura e teorias da Comunicação Rodrigo Vieira Ribeiro podem ser encontradas em comunidades e blogs coletivos que foram desenvolvidos com seus alunos nos cursos de comunicação do Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – Unileste. Em alguns momentos o blog ³⁰ serviu como vitrine de trabalhos interdisciplinares produzidos. Em outra experiência isolada ³¹, feita com alunos do sexto período de Jornalismo, na disciplina Webjornalismo, teve-se a ideia de produzir uma espécie de jornalismo instantâneo. A turma foi dividida em duplas e os alunos convidados a trazer para a aula seguinte qualquer equipamento que coletasse imagens e sons. Em 100 minutos eles teriam de ir ao campus e encontrar algum assunto para ser transformado em notícia, gravado em formato de matéria jornalística, fotografado ou produzido um arquivo de áudio para então retornar ao laboratório de informática e postá-la no blog sem editar. Assim eles tinham que improvisar e agir o mais rápido possível e pensar na mídia de convergência, suas possibilidades e limites.

Na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o blog ³² é instrumento de participação, produção e avaliação dos alunos de Jornalismo em Mídia Digitais, sob responsabilidade da professora Cristina Rego Monteiro. São exigidas pelo menos cinco postagens, gradativamente complexas: 1. Texto recozinhado para treinar

³⁰ <<http://violenciaemidia.wordpress.com/>>, acessado em 02.05.2011.

³¹ <<http://ciberjornalistas.blogspot.com/>>, acessado em 02.05.2011.

³² <<http://blogmidiatico09-2.blogspot.com/>>, acessado em 02.05.2011.



concisão 2. Texto e links, 3. texto, links e fotos, 4. Texto, links, fotos e vídeo, 5. Texto, links e imagem com material inédito, gravado e editado pelos alunos. Verifica-se tendência nos alunos de produzir, postar e atender às exigências com alguma facilidade, mas poucos têm espontaneamente a atitude de manter a leitura do material postado pelos colegas. A imensa quantidade de material disponível em rede compete em igualdade de condições com o material didático.

Na turma de Publicidade e Propaganda do Unileste - MG foi criado blog coletivo com alunos de diversos semestres para que eles coletassem exemplos de usos diferentes e realizassem trabalho reflexivo e debate *online* sobre o que foi coletado e pode ser visto site Cibercultura e escrita digital ³³. Uma comunidade Ning foi criada pelo professor para colocar os alunos juntos em debate constante e funcionou por quase três anos, mas, como o Ning deixou de ser gratuito, os conteúdos coletados neste período foram transferidos para o Grou.PS ³⁴. Nessa comunidade começou-se a acumular os endereços de blogs dos alunos e foram postados alguns debates sobre a produção.

Considerações

Os exemplos apresentados demonstram que o uso - sob orientação de professores - de blogs, redes sociais, entre outras ferramentas possibilitadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação permitem a familiarização dos alunos com a Cultura da Convergência de que fala Jenkins (2008) e podem transformar a aprendizagem do Ciberjornalismo em uma experiência de produção com público real que avalia imediatamente o que o aprendiz está fazendo gerando autocrítica e debate.

Ao mesmo tempo, as conexões permitidas pelo uso dessas ferramentas digitais ampliam as possibilidades de os esforços descritivos no campo da pesquisa em Comunicação avançar no estudo das interações sociais, uma vez que Braga (2001) considera a concentração na forte presença da mídia como objeto de estudos na área um problema limitador ao entendimento da realidade social e histórica.

Ademais, o ensino do Ciberjornalismo deve levar em conta perspectiva multidisciplinar para que ele possa chegar a inter e à transdisciplinaridade que vem sendo construída por pesquisadores das Ciências Sociais e Humanas, conforme descreve Lopes (2003). Isso porque o Ciberjornalismo depende de outras disciplinas para poder atingir o objetivo de gerar, junto com o público, as informações de que este mesmo público necessita.

³³ <<http://ciberculturaescritadigital.blogspot.com/>>, acessado em 02.05.2011.

³⁴ <<http://grou.ps/cibercultura>>, acessado em 02.05.2011.



Assim é impossível ver o Ciberjornalismo como algo estanque ou separado das outras áreas de conhecimento. Qualquer área de conhecimento depende dos conteúdos informativos produzidos pela atividade jornalística, da mesma forma que o exercício do Ciberjornalismo não faz o menor sentido sem a integração com outras disciplinas. A investigação jornalística em bancos de dados, por exemplo, requer o apoio da estatística, da matemática e das ciências da computação; a formação de redes exige conhecimentos de sociologia, antropologia, psicologia e de pedagogia; a administração de comentários fica muito difícil sem o apoio da psicologia e das técnicas de relacionamento interpessoal; a produção de um *weblog* informativo depende de um mínimo de conhecimentos sobre informática; e, por fim, a produção de conteúdos multimídia simplesmente seria inviável porque ela depende de disciplinas como design, produção sonora, vídeos, computação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLONI, M. L. Mídia ou comunicação educacional Campo novo de teoria e de prática. In: BELLONI, M. LO. (org.). *A formação na sociedade do Espetáculo*. São Paulo, Cortez, 2002.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. In: *Campo da Comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas*. FAUSTO NETO, Antonio; PRADO José Luiz A. PORTO, Sérgio D. (orgs.). João Pessoa: Editora Universitária, 2001.
- BRETAS, Maria Beatriz Almeida Sathler. Interações cotidianas. In: *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Guimarães, César; França, Vera (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, p.29-42, 2006.
- CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação de hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- FRANÇA, Vera. Do telégrafo à rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da comunicação. In: *Crítica das Práticas Midiáticas - da Sociedade de Massa às Ciberculturas* - Prado, José Luiz Aidar, (org.). São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio: Paz e Terra, 2010.
- JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.
- LOPES, M. I. V. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: LOPES, M. I. V. (Org.). *Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003.
- PINHO, João Batista de. *Jornalismo na Internet*. São Paulo: Editora Summus, 2003.
- RECUERO, Raquel. *Warblogs : Os Blogs, a Guerra do Iraque e o Jornalismo Online*. Artigo apresentado no Núcleo de Pesquisa de Tecnologias da Comunicação e da Informação do XXVI Intercom, 2003. Disponível em: < <http://www.pontomidia.com.br/raquel/warblogs.pdf> > .
- RIBAS, Beatriz e PALACIOS, Marcos . Os blogs no ensino do jornalismo: Relatos e reflexões a partir de experiências pedagógicas. In: MACHADO, Elias e PALACIOS, Marcos (org.). *O Ensino do Jornalismo em Redes de Alta Velocidade: Metodologias & Softwares*. Salvador: EDUFBA, 2007.
- SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio: Civilização Brasileira, 2004.
- VAZ, Paulo Bernardo e ANTUNES, Elton. Mídia, um aro, um halo, um elo. In: FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César (orgs.). *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.